

Uma Análise Exploratória sobre a localização de Equipamentos Olímpicos e seus Usos Pós-Jogos do Rio de Janeiro 2016

An exploratory analysis on the location of Olympic equipment and its post-game use in Rio de Janeiro, 2016

Gabriela Silva¹ e Antônio Tarcísio Reis²

ARTICLE INFO

Received:
November 13, 2018.

Received in revised
form: November 28,
2018.

Accepted:
November 28, 2018.

Published online:
December 10, 2018.

ABSTRACT

This paper deals with the relationship between the location of different types of Olympic equipment and their post-Olympics uses in Rio de Janeiro. Barra da Tijuca, where the Olympic Park is located, and Deodoro, where the Deodoro Sports Complex is located, were chosen for the study due to the greater number of equipment built for the megaevent. For the data collection, 116 interviews were conducted, 64 in Deodoro and 52 in Barra da Tijuca, covering three groups of users: Olympic area workers, residents of Olympic areas and users of Olympic equipment and their surroundings that do not live nearby. Data analysis was carried out according to the frequency and content of the aspects mentioned by the interviewees. The main results indicate problems in relation to the use and location of Olympic equipment in the two areas of the city.

Resumo. Este artigo trata da relação entre a localização de diferentes tipos de equipamentos olímpicos e seus usos pós-Olimpíadas no Rio de Janeiro. As áreas escolhidas para o estudo foram a Barra da Tijuca, onde se encontra o Parque Olímpico, e Deodoro, local em que se localiza o Complexo Esportivo de Deodoro, em razão do maior número de equipamentos construídos para o megaevento. Para a coleta de dados foram realizadas 116 entrevistas, 64 em Deodoro e 52 na Barra da Tijuca, com três grupos de usuários: trabalhadores das áreas olímpicas, moradores das imediações das áreas olímpicas e usuários dos equipamentos olímpicos e do seu entorno que não moram nas imediações. A análise dos dados foi realizada de acordo com a frequência e conteúdo dos aspectos mencionados pelos entrevistados. Os principais resultados indicam problemas em relação ao uso e localização de equipamentos olímpicos nas duas áreas da cidade.

Keywords: Olympic equipment; equipment location; post-Olympics use.

Palavras-Chave: Equipamento olímpico; localização de equipamentos; uso pós-Olimpíadas.

To cite this article: Silva, G. e Reis, A. T. (2018). Uma Análise Exploratória sobre a localização de Equipamentos Olímpicos e seus Usos Pós-Jogos do Rio de Janeiro 2016. *Urbana*, 19, 30-49. Retrieved from <http://www.urbanauapp.org/>

¹ Mestre em Arquitetura e Urbanismo; Doutoranda do PROPUR, UFRGS. E-mail: gs.arq@hotmail.com.br

² Ph.D. em Arquitetura; Professor da Faculdade de Arquitetura/PROPUR, UFRGS. E-mail: tarcisio.reis@ufrgs.br

INTRODUÇÃO

Os equipamentos olímpicos são vistos como ícones para os Jogos Olímpicos a partir de 1908, em Londres, quando a primeira infraestrutura é construída exclusivamente para atender ao megaevento. A partir de então, equipamentos olímpicos passaram a ter maior significado diante dos jogos. Com o tempo, as exigências do Comitê Olímpico Internacional para a construção dos equipamentos olímpicos aumentaram, bem como a quantidade de modalidades esportivas relacionadas ao megaevento. Tal fato contribuiu para que maior atenção fosse dada para o planejamento dessas instalações no tocante à localização na cidade e ao uso das mesmas no período pós-jogos olímpicos (SANTOS, 2015).

Neste sentido, o COI (Comitê Olímpico Internacional) apenas indica que “*todas as competições desportivas devem ter lugar na cidade anfitriã dos Jogos Olímpicos, salvo se a Comissão Executiva do COI autorizar a organização de certas provas noutras cidades*” (IOC, 2017, p.73). A solicitação para organizar alguma competição em outra cidade que não seja a anfitriã deve ser submetida ao Comitê Executivo do COI para aprovação (IOC, 2017) com os devidos motivos. Nos Jogos Olímpicos de Verão de 1980 em Moscou, por exemplo, a modalidade de futebol foi sediada em várias cidades satélites em razão das exigências da Federação Internacional de Futebol (FIFA) de usar no mínimo quatro estádios, cada um com uma capacidade mínima de 30.000 espectadores (IOC, 2005). Assim, o uso de cidades além da anfitriã ocorre devido à existência de infraestruturas viáveis para sediar determinada modalidade específica, de forma a evitar a construção de um novo equipamento e incentivar a sustentabilidade (IOC, 2017).

Embora o COI determine regras para a realização dos Jogos Olímpicos, pouco está relacionado à localização das infraestruturas esportivas. As informações apresentadas pelo COI quanto à localização do megaevento, com 42 modalidades esportivas (IOC, 2018), não incluem o melhor local para cada tipo de equipamento olímpico, o que fica à escolha de cada cidade-sede. Conforme Santos (2015), a localização de equipamentos olímpicos pode estar relacionada à sua existência, ou seja, se há na cidade outros equipamentos esportivos, não necessariamente vinculados à realização de eventos. A partir dos equipamentos existentes, há duas subcategorias: (i) equipamentos que precisam apenas de adaptações temporárias para atender às exigências do COI (aumento da capacidade, alteração de usos, adaptação de espaços, aumento da potência elétrica, instalação de serviços, adaptação dos acessos, etc.) e (ii) equipamentos que precisam de modificações permanentes (demolição, total ou parcial, e posterior construção; modificação das características físicas; ou aumento da área de implantação ou construção, da altura ou do volume). A segurança é outro aspecto que pode ser considerado para a escolha da localização dos equipamentos olímpicos. Ainda que o COI não faça relação entre o local dos equipamentos e a segurança na cidade-sede, maior atenção nesse aspecto é dada desde as Olimpíadas de Munique em 1972 (FERNANDES, 2006; SPAIJ, 2016), que foi palco de um ato de terrorismo que vitimou nove atletas israelitas que participavam das Olimpíadas (CARDOSO, 1996). De acordo com a Carta Olímpica (IOC, 2017), o COI tem a responsabilidade geral de assegurar a celebração regular dos Jogos e não de impor medidas de segurança na cidade-sede, deixando tal incumbência para representantes do governo. Todavia, o Comitê tem a autoridade legal de cancelar o megaevento em virtude da insegurança no local (POUND, 2016). Salienta-se que a preocupação com a segurança está relacionada com o momento dos Jogos, o que, na maioria das vezes, é resolvida com o reforço de policiamento (GAFFNEY, 2015; ANISTIA INTERNACIONAL, 2016). No caso das Olimpíadas do Rio de Janeiro (2016), o Parque Olímpico foi localizado no bairro Barra da Tijuca não só pela existência de alguns equipamentos (por exemplo, Parque Aquático Maria Lenk e pavilhões do Riocentro), mas também por ser uma área segura comparada com o restante da cidade (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2008).

Alguns equipamentos olímpicos também podem ser localizados em função das características físico-geográficas da área (GERAINT, 1996), como é o caso das Pistas de Mountain Bike (Figura 1), cuja prática é feita em montanhas, caracterizadas por diferentes desníveis (GARCIA et al., 2016). Outro exemplo é a Pista de BMX (Figura 2), que é definida pela presença de curvas, de obstáculos e de diferentes inclinações (UNION CYCLISTE INTERNATIONALE, 2018). Embora as características físico-geográficas da região não sejam consideradas como critérios para a localização dos equipamentos olímpicos, o COI permite que as instalações sejam construídas fora da cidade-sede em razão do aproveitamento da geografia do local (IOC, 2017).

Figura 1: Pista Mountain Bike, Olimpíadas Rio de Janeiro 2016.



Fonte: Olympic (2017).

Figura 2: Pista BMX, Olimpíadas Pequim 2008.



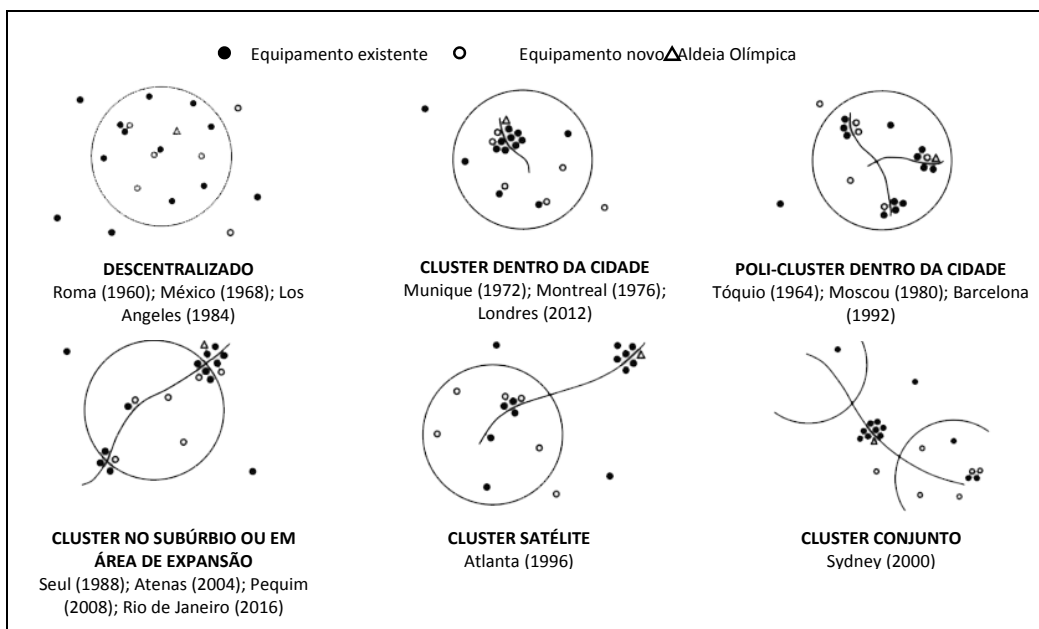
Fonte: Getty Images (2017).

Independente de questões relacionadas aos equipamentos esportivos já existentes na cidade-sede, à segurança e às características físico-geográficas, estudos indicam que situar esses equipamentos em áreas já consolidadas possibilita o aproveitamento de estruturas urbanas já existentes que poderão ser utilizadas para dar suporte ao equipamento, como, por exemplo, facilidades no acesso, melhores meios de transporte e maior quantidade de serviços na região (RAEDER, 2010a; RAEDER, 2010b). Por outro lado, situar equipamentos olímpicos e, conseqüentemente, toda sua infraestrutura do entorno imediato em áreas nobres e consolidadas reforça ainda mais a desigualdade interurbana (MELO; GAFFNEY, 2010). Neste sentido, seria adequada a seleção de uma área urbana que necessite de importantes requalificações e de atendimento de suas carências para a inserção de equipamentos olímpicos e de sua infraestrutura imediata (p.ex., SANTOS, 2015). Ainda, investir em uma área degradada possibilita a criação de novas centralidades sócio-urbanas em conjugação com outras existentes (BORJA; CASTELLS, 1997; RAEDER, 2010a; RAEDER, 2010b).

Além da localização dos equipamentos no tocante a áreas consolidadas ou em desenvolvimento, os equipamentos olímpicos podem estar dispostos conforme modelos centralizados ou descentralizados, estes bem menos adotados (Figura 3). Nas edições mais bem-sucedidas, como é o caso de Helsinque (1952), Barcelona (1992), Sidney (2000) ou Pequim (2008), optou-se por dispor os equipamentos em *clusters* dentro, na periferia ou fora da cidade (LIAO; PITTS, 2006). A disposição dos equipamentos em *clusters*, tal como um Parque Olímpico ou Cidade Olímpica, é uma grande vantagem por conta da facilidade dos deslocamentos dos vários grupos de usuários (RAEDER, 2010a; RAEDER, 2010b; SANTOS,

2015), mas, em contrapartida, é necessário um grande espaço para a construção dos equipamentos, além de ser mais difícil a sua utilização pós-jogos (LIAO; PITTS, 2006).

Figura 3: Disposição dos equipamentos olímpicos.



Fonte: Adaptado de Liao e Pits (2010).

Adicionalmente, o uso de cada tipo de equipamento olímpico durante e após a realização dos jogos deve ser considerado em sua implantação de forma a rentabilizar o investimento inicial, promover atividades culturais e desportivas, aumentar o bem-estar da população e, sobretudo, evitar o abandono e o prejuízo que as construções possam causar, já que é necessário que tais equipamentos atendam às necessidades da população após o término das Olimpíadas (RUBIO, 2007; RECHIA; SILVA, 2013; SANTOS, 2015). Todavia, o fato que várias cidades-sede venderam ou demoliram estádios (SEIXAS, 2010) e a existência de instalações esportivas abandonadas após o término de jogos olímpicos revela a importância da compreensão das relações entre as localizações dos distintos tipos de equipamentos olímpicos e os seus usos após a realização dos jogos (CORNELISSEN, 2009). Portanto, a falta de evidências conclusivas sobre as localizações adequadas de equipamentos olímpicos em relação aos seus usos pós-jogos justifica o objetivo desse artigo de investigar a relação entre a localização, tipos de equipamentos e usos pós-Olimpíadas do Rio de Janeiro.

METODOLOGIA

Duas áreas olímpicas na zona oeste do Rio de Janeiro, Deodoro e Barra da Tijuca (Figura 4), foram selecionadas para a realização da investigação. Apesar da área ser denominada como Deodoro, o complexo esportivo está localizado dentro da Vila Militar, um local planejado e considerado seguro. O Complexo de Deodoro abrigou para as Olimpíadas de 2016 as instalações do Circuito de Canoagem Slalom, Pista de BMX, Arena Deodoro, Centro de Hóquei sobre Grama, Pista de Mountain Bike, Arena de Rúgbi, Centro Nacional de Tiro Esportivo e combinado do Pentatlo Moderno, Centro Nacional de Hipismo e Piscina do Pentatlo Moderno. Essa região já usufruía de infraestruturas esportivas por conta dos jogos Pan-Americanos

realizados em 2007, porém, melhorias foram realizadas para atender às exigências do COI (PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO, 2014).

A Barra da Tijuca é um bairro em constante crescimento e foi escolhida para a construção do Parque Olímpico, local que abrigou a maioria das modalidades esportivas. Nesta área foi construída a Arena de Handebol, Centro de Tênis, Velódromo, Centro Aquático, Arena Rio e a Arena Carioca 1, 2 e 3. O Parque Aquático Maria Lenk, que também sediou os jogos Olímpicos no Parque da Barra da Tijuca, foi construído para os jogos Pan-Americanos de 2007 e sofreu apenas alterações para atender às condições do COI. O campo de Golfe também está localizado no mesmo bairro, porém, está a 3,6km de distância do Parque Olímpico (PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO, 2014).

As áreas de Copacabana e do Maracanã também foram palco dos jogos Olímpicos de 2016, todavia, com menor destaque quanto à construção de novas infraestruturas. Ao contrário das demais regiões, Copacabana apenas serviu de apoio para algumas modalidades esportivas (marcha atlética, ciclismo de estrada, maratonas aquáticas, triatlo, vela, vôlei de praia, remo, canoagem e paratriatlo), enquanto que a região do Maracanã adaptou as instalações do Maracanãzinho, Parque Aquático Julio DeLamare, Estádio João Havelange e Sambódromo para sediar os jogos de futebol, vôlei, atletismo, maratona e tiro com arco (PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO, 2014). Por conta destas duas áreas não apresentarem novos equipamentos olímpicos permanentes, optou-se por definir como objeto de estudo as áreas olímpicas de Deodoro e Barra da Tijuca (Figura 4). Para esse estudo foram consideradas somente as instalações que poderiam ser utilizadas pela população. Em Deodoro considerou-se o Circuito de Canoagem Slalom, a Arena Deodoro, o Centro Nacional de Hipismo e a Piscina do Pentatlo Moderno. Na Barra da Tijuca considerou-se o Campo de Golfe e o Parque Olímpico, com exceção do Centro Aquático e da Arena de Handebol que estão sendo desmanchados.

Figura 4: Áreas olímpicas no Rio de Janeiro – Deodoro e Barra da Tijuca.



Fonte: Google (2017).

Os dados foram coletados por meio de entrevistas estruturadas nas duas áreas de estudo, com o intuito de aprofundar o conhecimento sobre a localização de cada tipo de equipamento

esportivo e seus usos pela população pós-Olimpíadas. Optou-se por esse método por possibilitar a interação entre o pesquisador e o participante e, assim, o esclarecimento de eventuais dúvidas, além de poder ser aplicado a todos os extratos da população, facilitando o contato com pessoas idosas e analfabetos (REIS y LAY, 1995).

Para atender o objetivo proposto nessa investigação, trabalhou-se com três grupos de usuários: (i) trabalhadores das áreas olímpicas (Complexo de Deodoro e Parque Olímpico da Barra da Tijuca), (ii) moradores das imediações das áreas olímpicas e (iii) usuários dos equipamentos olímpicos e do seu entorno que não moram nas imediações. Para contatar e entrevistar os moradores das imediações das áreas estudadas, foi utilizada a distância de 500m da área residencial até a área olímpica, distância esta que a maioria das pessoas estaria disposta a caminhar (GEHL, 2014). Todavia, no que se refere aos moradores do entorno da Arena Deodoro e do Centro Nacional de Hipismo, localizados no Complexo de Deodoro, a distância considerada para contatar e entrevistar os moradores das imediações foi de 1km por conta de os equipamentos estarem situados em uma área militar, cujo entorno imediato existem apenas as residências dos militares. Os trabalhadores das áreas olímpicas e os usuários dos equipamentos olímpicos e do seu entorno que não moram nas imediações foram contatados dentro do Parque Olímpico de Deodoro e da Barra da Tijuca.

As entrevistas foram realizadas nos dias 16, 17, 18, 19, 21 e 22 de novembro de 2017, em um total de 116, sendo 64 no Complexo de Deodoro e 52 no Parque Olímpico da Barra da Tijuca (Tabela 1). No tocante ao perfil dos entrevistados, a Tabela 2 apresenta a faixa etária e a renda mensal dos entrevistados por áreas de estudo. Destaca-se a dificuldade de entrevistar moradores do entorno do Campo de Golfe por conta de haver apenas condomínios fechados e a circulação ser caracterizada por veículos motorizados. Além disso, no dia da entrevista estava chovendo e não havia pessoas na rua. Com relação aos usuários do Campo de Golfe que não moram nas proximidades, não houve a permissão da área administrativa para entrevistá-los. Devido às dificuldades, foi entrevistado um trabalhador do Campo de Golfe. Com relação à amostra dos trabalhadores do Complexo de Deodoro, os quatro entrevistados correspondem a um trabalhador do Centro Nacional de Hipismo, um trabalhador da Piscina do Pentatlo Moderno e dois trabalhadores do Circuito de Canoagem Slalom. Salienta-se a dificuldade de encontrar trabalhadores dispostos a participar do estudo em razão dos equipamentos estarem situados em uma área militar e os trabalhadores não terem autorização para dar entrevistas. No que se refere aos trabalhadores da Barra da Tijuca, três entrevistados são trabalhadores na Arena 1, três são trabalhadores na Arena 3 e um é trabalhador no Campo de Golfe. Também houve dificuldade em encontrar trabalhadores na Barra da Tijuca pelo fato de alguns equipamentos estarem fechados. As entrevistas foram registradas oralmente através de um gravador e, posteriormente, foram transcritas. A partir da categorização das informações obtidas nas entrevistas, os dados foram analisados de acordo com a frequência, conteúdo e importância dos pontos mencionados pelos entrevistados (REIS y LAY, 1995).

Tabela 1: Relação do número de entrevistados com a localização e o grupo.

Grupos de entrevistados	Localização	
	Complexo de Deodoro	Parque Olímpico da Barra da Tijuca e Campo de Golfe
Trabalhadores das áreas olímpicas	4	7
Moradores das imediações das áreas olímpicas	26	41
Usuários dos equipamentos olímpicos e do seu entorno que não moram nas imediações	34	4
Total	64	52

Fonte: Autores (2017).

Tabela 2: Caracterização da amostra de entrevistados por faixa etária e renda mensal.

Grupos de entrevistados	Faixa etária			Renda mensal*				
	Até 19 anos	De 20 a 59 anos	Mais de 60 anos	Até 1 salário mínimo	1 a 3 salários mínimos	3 a 5 salários mínimos	5 a 15 salários mínimos	Mais de 15 salários mínimos
Complexo de Deodoro	5	51	4	10	29	9	5	-
Parque Olímpico da Barra da Tijuca	19	19	7	1	4	7	6	5
Total	24	70	11	11	33	16	11	5

*Salário mínimo = R\$ 937,00.

Fonte: Autores (2017).

RESULTADOS

DEODORO: CIRCUITO DE CANOAGEM SLALOM - PARQUE RADICAL

O Circuito de Canoagem Slalom foi transformado no Parque Radical de Deodoro, constituído por uma piscina (Figura 5) e a Pista BMX (Figura 6). Esta pista não está sendo utilizada pela população por precisar de auxílio e acompanhamento de profissionais para a prática do esporte. Conforme os dois trabalhadores entrevistados, a piscina é aberta aos domingos das 8h às 17h para a população e abriga até 3 mil pessoas. Estes trabalhadores consideram adequada a localização da piscina por estar próxima a comunidades que não possuem outros locais de entretenimento. Conforme um trabalhador entrevistado, o local permite que as pessoas levem seu lanche e bebidas desde que não estejam em garrafas de vidro, evitando que os moradores gastem com produtos que são vendidos no local. Como aspectos negativos da piscina, um trabalhador citou o fato de abrir somente aos domingos e salientou que se abrisse nos demais dias da semana, as crianças poderiam usufruir mais da infraestrutura, principalmente nas férias de verão.

Figura 5: Piscina do Parque Radical de Deodoro.



Fonte: Autores (2017).

Figura 6: Pista BMX do Parque Radical de Deodoro.



Fonte: Autores (2017).

Dentre os 17 moradores do entorno do Parque Radical que foram entrevistados, nove pessoas não frequentam o equipamento, duas pessoas já frequentaram, mas não vão mais ao local e seis pessoas afirmaram utilizar a piscina. Os principais motivos pelos quais os moradores não utilizam o equipamento olímpico estão relacionados: (i) ao fato de abrir somente aos domingos, o que impossibilita as pessoas que trabalham nesse dia de aproveitarem a piscina; (ii) à falta de controle de quem frequenta o equipamento, pois não há fiscalização de pessoas com doenças de pele ou moradores de rua que utilizam a piscina; (iii) à falta de controle do uso de drogas; (iv) à falta de higiene relacionada à sujeira deixada pelas pessoas que levam seus lanches e às pessoas que fazem suas necessidades fora dos sanitários; e (v) à falta de vegetação que faça sombra na piscina. Com relação aos motivos que levam os moradores a não frequentarem o equipamento, uma moradora do bairro afirma:

Falta de organização, de higiene, de controle. Uma piscina pública tem que ter um controle de doenças de pele, tem que ter um médico. Não, aqui é aberto, qualquer pessoa pode frequentar, existe a frequência de moradores de rua, que não tem uma higiene, então entra, faz o que quer, sujeira, leva bebida, latinha. Enfim, desorganização total.

Como forma de solucionar esses problemas, dois moradores sugeriram pagar uma taxa para a utilização do equipamento de modo a inibir que pessoas frequentem o local apenas para o uso de drogas e também para ajudar na taxa de limpeza. Outra proposta foi fazer carteirinha de frequentador do equipamento, como forma de manter um controle de quem está no local, além de maior atenção ser dada a exames médicos para que posteriormente a pessoa tenha acesso à piscina. O fato de abrir somente aos domingos foi mencionado por sete pessoas como um aspecto a ser melhorado. Embora a falta de atividades para a população não tenha sido citada como um problema, dois entrevistados afirmaram que a realização de aulas de ginástica para adultos e idosos e de atividades recreativas para crianças contribuiriam para o maior uso pelos moradores.

Conforme as seis pessoas que frequentam o Parque Radical e as duas pessoas que já frequentaram o equipamento e atualmente não vão mais ao local, o acesso ao equipamento é adequado devido ao transporte público, localizado em frente ao parque. Com relação aos pontos positivos do equipamento, uma pessoa citou o fato do local ser seguro, outras seis pessoas afirmaram que o equipamento olímpico é adequado e bem mantido. Além disso, foi considerado por dois entrevistados como um equipamento de divertimento para as crianças em uma área de

lazer próxima às moradias. As seis pessoas que frequentam o Parque Radical e as duas pessoas que já frequentaram o equipamento e atualmente não vão mais ao local citaram alguns aspectos negativos diferentes daqueles citados pelos moradores como justificativas para não frequentar o local. Cinco entrevistados destacaram a falta de segurança na área próxima à piscina por conta do grande número de pessoas no equipamento. Segundo estes entrevistados, quando acontece alguma briga, por exemplo, nada é feito, assim como em relação ao roubo e uso de drogas no local.

Sintetizando, os resultados indicam que o Parque Radical possui problemas quanto ao uso pela população. Embora sua localização seja considerada pelos entrevistados como satisfatória, por conta do acesso através do transporte público, o equipamento é aberto somente aos domingos, o que impossibilita seu uso efetivo. Aspectos negativos relacionados à falta de higiene, à falta de controle de quem usa o equipamento e ao consumo de drogas dentro do parque também contribuem para que 11 moradores dentre os 17 entrevistados não frequentem a piscina. Ainda que seis moradores entrevistados afirmem frequentar o equipamento, problemas como a falta de segurança e o uso de drogas também foram mencionados.

DEODORO: ARENA DEODORO

A Arena Deodoro, também conhecida como Arena Juventude, está sob responsabilidade do exército e, conforme os resultados indicam, apenas eventos esporádicos acontecem. O equipamento está localizado próximo à Avenida Brasil (Figura 7), via expressa mais importante do Rio de Janeiro, o que facilita o acesso de pessoas que vem de locais distantes. No dia 18 de novembro de 2017, ocorreu um campeonato de Jiu-Jitsu na Arena Deodoro (Figura 8), onde 22 entrevistas foram realizadas. Dentre essa amostra, 12 pessoas estavam indo ao equipamento pela primeira vez, sete pessoas disseram ir sempre que há eventos de Jiu-Jitsu, uma pessoa havia frequentado duas vezes e outra havia frequentado três vezes. As pessoas que estavam indo ao local pela primeira vez eram parentes ou amigos dos competidores. Destaca-se que dois entrevistados vinham de bairros próximos, distantes até 5km, cinco entrevistados vinham de bairros entre 5km e 15km de distância, 10 entrevistados percorreram entre 15km e 30km para chegar até a Arena e cinco entrevistados percorreram mais de 70km.

Todos os entrevistados avaliaram o acesso como adequado para chegar até o equipamento, independentemente do meio de transporte utilizado (carro, trem e ônibus). O fato de estar localizado próximo à Avenida Brasil foi citado como ponto positivo, além de estar situado dentro de uma área militar, o que, para quatro entrevistados, reforça a segurança no local. A Arena foi caracterizada como um lugar amplo, podendo sediar diferentes modalidades esportivas e refrigerada com ar condicionado. No tocante aos aspectos negativos, a falta de uso constante do equipamento e a falta de divulgação de outros eventos também foi citada por 10 entrevistados. Todas as pessoas da amostra afirmaram não ter conhecimento sobre a realização de eventos no local.



Figura 7: Arena Deodoro.
Fonte: Autores (2017).



Figura 8: Campeonato de Jiu-Jitsu na Arena Deodoro.
Fonte: Autores (2017).

Dentre os seis moradores entrevistados na comunidade mais próxima, cinco nunca foram à Arena Deodoro e um morador foi ao local apenas uma vez para um batismo coletivo. A falta de divulgação de eventos abertos para a população foi citada por todos os entrevistados como justificativa para não frequentar o local. Além da maior divulgação de eventos, atividades para crianças, jovens e idosos foram citadas por dois entrevistados como atrativos que podem contribuir para maior utilização do equipamento.

Esses resultados sugerem problemas no tocante à localização e ao uso do equipamento olímpico. Embora a localização tenha sido classificada como adequada por todos os respondentes, as pessoas do próprio bairro de Deodoro não utilizam o equipamento. Dentre os seis moradores entrevistados na comunidade próxima, apenas uma moradora afirmou ter ido ao local. Além disso, dentre os 22 entrevistados na Arena Deodoro, dois entrevistados moram a 5km do equipamento, não sendo considerados moradores das comunidades próximas. Ainda que o equipamento tenha aspectos positivos com relação à ampla área e à refrigeração, o seu uso é esporádico.

DEODORO: CENTRO NACIONAL DE HIPISMO

Conforme os resultados obtidos nas entrevistas, o Centro Nacional de Hipismo (Figura 9) está sob administração dos militares. Segundo um trabalhador do equipamento, o local está aberto para a população nos dias que tem eventos, sendo os dias em que há maior número de pessoas. Em contradição, dentre os 11 moradores entrevistados que moram no entorno, 10 não tinham conhecimento de eventos que acontecem no Centro de Hipismo. Os motivos pelos quais as pessoas não frequentam o equipamento olímpico estão relacionados à falta de divulgação de eventos e a falta de tempo e interesse pelo esporte. Dentre os 10 moradores entrevistados, três ainda comentaram que teriam interesse de ir ao local para levar as crianças, porém não tinham o conhecimento de que a população poderia ir aos eventos.

Os moradores entrevistados sugeriram que as competições fossem divulgadas, para que a população pudesse conhecer e, talvez, desenvolver gosto pelo esporte, tendo em vista que a prática de hipismo não faz parte da cultura da cidade. Conforme o morador que frequenta o Centro de Hipismo, os eventos que acontecem são raros e ele tem conhecimento por ir até o local e ver faixas com a divulgação do evento. Ainda, todos os entrevistados afirmaram que a divulgação dos eventos necessita acontecer nas comunidades próximas, seja por faixas, seja por carros com alto-falantes. Também foram propostas pelos moradores entrevistados aulas

comunitárias para as crianças e estudantes de escolas públicas, como forma de despertar desde cedo o interesse pelo esporte.

Figura 9: Centro de Hipismo, Deodoro.



Fonte: Autores (2017).

Com relação à localização do equipamento, o morador entrevistado afirma que para o exército a localização do Centro de Hipismo é positiva, tendo em vista que os militares são os principais usuários do local, porém, para outras pessoas da área civil, por exemplo, que também tem interesse no esporte, talvez não seja positivo. Independentemente de quem usa o equipamento, o entrevistado afirmou que o acesso melhorou muito devido às obras viárias da via expressa Transolímpica. A tranquilidade foi mencionada como ponto positivo em razão da área militar ser considerada mais segura em comparação com outras localidades do Rio de Janeiro. Em contrapartida, a falta de comércios no entorno do equipamento, caracterizado pela predominância de residências de militares, foi vista como aspecto negativo.

Em síntese, a localização do Centro Nacional de Hipismo pode ser positiva em razão da prática esportiva estar ligada, principalmente, aos militares, além do acesso ao equipamento ser adequado devido à via expressa Transolímpica. Todavia, a falta de divulgação dos eventos nas comunidades próximas, bem como a falta de atividades para a população, são considerados como aspectos negativos.

DEODORO: PISCINA DO PENTATLO MODERNO

Como último equipamento olímpico estudado na área de Deodoro, a Piscina do Pentatlo Moderno é utilizada somente por sócios. Conforme entrevista realizada com um trabalhador do local, a piscina é utilizada apenas para treinamentos dos sócios, não sendo liberada para atividades sociais e para a população em geral (Figura 10). Segundo o trabalhador, a piscina está bem localizada não só por ter acesso pela estação de trem e pelo ônibus BRT (*Bus Rapid Transit*), mas também pelo fato de ser um equipamento esportivo naquela área da cidade. Segundo este entrevistado, as comunidades localizadas próximas da área militar onde está inserido o equipamento olímpico transmitem uma sensação de insegurança para os sócios da piscina. Conforme o entrevistado, “[...] o pessoal fica com receio de vir para essa área aqui”, porém, por ser uma área militar, o local é seguro.



Figura 10: Piscina de Pentatlo Moderno, Deodoro.
Fonte: Autores (2017).

Dentre os quatro usuários do equipamento entrevistados, dois deles percorrem diariamente acima de 8 quilômetros para ir até o local e os outros dois percorrem acima de 35 quilômetros. As formas de locomoção variaram entre ônibus, carro e bicicleta, cujo acesso foi considerado por todos como adequado devido às facilidades de locomoção. Com relação aos pontos positivos da piscina, foram citadas a qualidade do equipamento olímpico e a localização, que foge da zona da Barra da Tijuca e zona sul, consideradas áreas de maiores investimentos. Como aspectos negativos da piscina foram citados a segurança, mesmo estando dentro de uma área militar, a falta de divulgação do local para outras atividades e não só para treinos profissionais e a falta de uma estrutura no entorno que pudesse ser utilizada também para corridas. Também foi sugerido que a piscina tivesse uma proteção para ser utilizada em dias de chuva, e que pudesse ser utilizada por crianças que têm interesse no esporte, possibilitando também a descoberta de novos talentos em escolas de natação. Assim, a localização e o uso do equipamento não são satisfatórios, tendo em vista que os quatro entrevistados são de áreas afastadas e que o equipamento é destinado apenas a profissionais sócios, não possibilitando que os moradores das comunidades próximas usufruam do equipamento.

BARRA DA TIJUCA: CAMPO DE GOLFE

Conforme entrevista realizada com um trabalhador do Campo de Golfe, 90% dos frequentadores do local são da cidade do Rio de Janeiro, os outros 10% se referem às pessoas que estão na cidade a passeio, vindos de diversos lugares do Brasil. Segundo este trabalhador, o local contribuiu para o turismo na cidade. Além disso, a área onde o Campo de Golfe está situado é referência ecológica por conta do trabalho de recuperação ambiental ocorrida, o que atraiu animais como bicho preguiça, pássaros, jacarés e capivaras. O equipamento (Figura 11) é aberto para o público em geral, porém, apenas sócios podem jogar. Como forma de incentivar a participação de crianças no esporte, um projeto social com escolas públicas do Rio de Janeiro é realizado uma vez por mês. As escolas que têm interesse no projeto são cadastradas para que os alunos passem o dia no local, onde assistem palestras sobre o esporte e a educação ambiental e participam de debates sobre sustentabilidade e preservação ambiental. Posteriormente, os alunos têm uma aula no Campo de Golfe.

Com base na entrevista do trabalhador, não há evidências conclusivas sobre o uso efetivo do local e sobre a sua lógica de implantação na Barra da Tijuca. Ainda, destaca-se que no dia

22 de novembro de 2017, dia da entrevista, o local estava com bastante movimento por estar sediando um Campeonato Internacional de Golfe.

Figura 11: Campo de Golfe, Barra da Tijuca.



Fonte: Autores (2017).

BARRA DA TIJUCA: PARQUE OLÍMPICO

Conforme os resultados obtidos a partir das entrevistas com os trabalhadores do Parque Olímpico, a localização dos equipamentos na Barra da Tijuca foi uma oportunidade para dar uso a uma área que estava abandonada. O local que atualmente abriga o Parque Olímpico era caracterizado pelo autódromo, cuja demolição foi realizada para dar lugar aos projetos do Pan-Americano de 2007. Conforme os seis trabalhadores entrevistados, a localização também se torna adequada devido ao fácil acesso a partir de linhas do BRT e pela via expressa Transolímpica que conecta a Barra da Tijuca dos Bandeirantes à Deodoro.

No que se refere ao uso do Parque Olímpico, os trabalhadores afirmam que as pessoas têm acesso livre todos os dias à área aberta, o que possibilita a prática de esportes, caminhadas e corridas. Alguns eventos são gratuitos e abertos à população, como treinos de diferentes modalidades esportivas. Todavia, geralmente, os shows que ocorrem são eventos privados e a entrada só é permitida perante a apresentação do ingresso. Segundo um trabalhador da Arena 3, “[...] eu posso dizer especificamente dessa Arena da qual eu faço parte e ela está sendo usada de uma forma bem positiva. Com eventos, com as federações, com as crianças, com o esporte. Essa Arena tem sido bem aproveitada pela população e geralmente a entrada é gratuita”. Da mesma forma, todos os trabalhadores entrevistados afirmaram que diariamente acontecem treinos nos equipamentos de modalidades como ginástica, futsal, handball, badminton, tênis de mesa, box, power soccer, torneio de basquete, vôlei, karatê e ciclismo. Todavia, mesmo que esses treinos aconteçam de forma diária, um dos entrevistados afirmou que o parque ainda não oferece atrativos para a população, como, por exemplo, atividades de entretenimento. Outro trabalhador concluiu que se houvesse maior divulgação, até mesmo dos treinos que são abertos para a população, o local teria mais uso por aqueles que se interessam pelo esporte. Todos os trabalhadores entrevistados citaram a localização e a acessibilidade do Parque como positivos, além de um trabalhador também afirmar que o espaço dá oportunidade para escolas, crianças e pais praticarem algum esporte. Como pontos negativos do Parque Olímpico, dois trabalhadores entrevistados referenciaram a falta de uso pelos moradores do bairro, enquanto que outros três

trabalhadores afirmaram que o espaço aberto do Parque Olímpico é muito quente e não há bebedouros ou quiosques para a venda de bebidas.

Dentre os 41 moradores do entorno do Parque Olímpico que foram entrevistados, seis pessoas afirmaram nunca terem ido ao local e 35 pessoas afirmaram já terem visitado. Destes 35, 15 pessoas foram apenas às Olimpíadas e/ou ao Rock in Rio, seis entrevistados são crianças que estudam em uma escola particular localizada dentro do Parque, e somente 14 são frequentadores do Parque Olímpico.

Conforme quatro entrevistados que nunca foram ao Parque Olímpico, o local é aberto apenas aos finais de semana e raramente eles têm conhecimento de eventos gratuitos para a população. Além disso, os entrevistados citaram como justificativa de não ir ao local: (i) o fato do condomínio em que moram oferecer áreas agradáveis de lazer, (ii) não gostarem dos tumultos que acontecem quando tem eventos, (iii) o alto valor dos eventos privados e (iv) a falta de atividades de lazer. Como incentivo para as pessoas que não frequentam o Parque Olímpico começarem a utilizar o local, foram sugeridos: atrativos gratuitos, tendo em vista que os eventos frequentes no local são sempre pagos; a criação de espaços de convivência que atraísse a população, como espaços com cafés, bares e áreas com sombra; a liberação das quadras para o uso pela população; e a criação de espaços para os pets e campeonatos de skate. Ainda, conforme um entrevistado, “[...] não tem área verde. Durante o dia é muito quente e quando chega de noite, já que estamos perto da lagoa, esfria bastante [...] não é uma área confortável” (Figuras 12).

De acordo com os 35 moradores entrevistados que foram ao Parque Olímpico, 11 frequentaram algum equipamento durante as Olimpíadas. Após o término dos jogos apenas um morador afirmou ter ido na Arena de Tênis para assistir um campeonato que era aberto à população. Porém, o entrevistado afirmou que soube do evento casualmente a partir da janela de sua casa e não a partir de divulgações. Além desse morador, as seis crianças entrevistadas que estudam na escola particular situada na Arena Jeunesse (Arena Rio) também a utilizam semanalmente para suas aulas de educação física.

Figura 12: Área pavimentada do Parque Olímpico, Barra da Tijuca.



Fonte: Autores (2017).

Com relação aos aspectos positivos do Parque Olímpico mencionados pelos moradores entrevistados que frequentaram o local apenas durante as Olimpíadas e o Rock in Rio e pelos moradores entrevistados que utilizam o espaço com regularidade: cinco moradores acreditam que o Parque Olímpico é um local seguro; quatro moradores citaram que a construção do Parque Olímpico possibilitou o crescimento da região, bem como a

valorização imobiliária; e dois moradores citaram a área aberta para realizar atividades físicas e o paisagismo. Outros aspectos abordados foram a limpeza do espaço e os eventos para crianças.

No tocante aos aspectos negativos considerados pelos moradores entrevistados que frequentaram o Parque Olímpico apenas durante as Olimpíadas e o Rock in Rio e pelos moradores entrevistados que utilizam o espaço com regularidade: 13 entrevistados afirmaram não haver divulgação de eventos gratuitos; seis moradores citaram a falta de bares, restaurantes e bebedouros no Parque Olímpico; quatro moradores citaram o engarrafamento em dias de evento; três moradores mencionaram a insegurança no Parque Olímpico e a falta de boa administração; e dois moradores disseram que as instalações olímpicas estão abandonadas e que a área ao ar livre não é agradável (Figura 13). Outros aspectos mencionados estão relacionados à grande quantidade de mosquitos por conta da Lagoa Jacarepaguá, à falta de manutenção dos equipamentos e da área aberta e à falta de recursos para projetos sociais. Como forma de solucionar estes problemas, nove moradores entrevistados afirmaram que poderiam acontecer atividades esportivas para as crianças, tendo em vista que o local é utilizado basicamente para shows privados. Conforme um morador entrevistado, seria importante ter “[...] um espaço em área comum de lazer para que as pessoas possam malhar, correr, jogar futebol, fazer algum tipo de esporte e não só utilizar esse espaço para exploração comercial de shows e eventos”. Segundo outra moradora que frequentou o Parque Olímpico no período das Olimpíadas e do Rock in Rio:

No interior do parque sugiro áreas verdes e com sombras e pequenos eventos que movimentassem as pessoas, pois em dias que não há eventos de grande porte quase não se vê ninguém por ali. Às vezes vejo algumas pessoas fazendo exercício físico, como caminhada na calçada em frente ao parque, mas o sol é muito forte e não há uma sombra. Poderia haver espaços no parque para crianças, para cachorros, para quem quer praticar esportes. As quadras também poderiam ser aproveitadas acredito que com campeonatos ou até mesmo escolinhas esportivas ou algo semelhante.

Outras soluções oferecidas pelos moradores para aumentar o uso do Parque Olímpico foram: (i) melhorar a divulgação dos eventos gratuitos que ocorrem no local, (ii) abrir o Parque Olímpico todos os dias da semana, (iii) permitir que os equipamentos olímpicos também sejam utilizados pela população, (iv) construir uma praça de alimentação e (v) melhorar a segurança. Ainda no que se refere às melhorias no Parque Olímpico, uma das crianças entrevistadas que estuda na escola localizada na Arena Jeunesse questionou o legado olímpico no tocante à construção de uma escola pública. Quando o Rio de Janeiro se candidatou para sediar as Olimpíadas de 2016, havia o projeto de que a Arena do Futuro seria transformada em uma escola pública após o término dos jogos, porém, o equipamento olímpico continua no local sem qualquer tipo de uso (Figura 14). Segundo um trabalhador entrevistado:

A Arena do Futuro seria desmontada para ser transformada em escola, só que hoje não se sabe de quem é esse custo. Então, a Arena está desativada e não se sabe o que vai fazer. Se realmente vai desmontar. Só para desmontar parece que são 70 milhões e para montar, transformar em escola... agora está se chegando à conclusão que de repente é mais fácil desmontar, virar sucata e fazer escolas de outros materiais que é muito mais barato.

No que se refere à localização de cada equipamento olímpico a partir das entrevistas com os moradores dos arredores do Parque Olímpico, 28 pessoas consideram adequadas estas localizações, porém, os respondentes não consideraram as atividades que estão sendo realizadas em cada equipamento, pois não sabiam até que ponto estavam sendo utilizados pelas pessoas. As respostas estiveram baseadas no quanto a inserção dos

equipamentos transformou o bairro e a vida dos que moram no entorno. Todavia, quatro pessoas responderam que os equipamentos olímpicos poderiam estar em áreas mais carentes da cidade, como forma de aumentar o desenvolvimento de bairros que precisam de infraestrutura. Conforme um morador entrevistado, durante o período dos Jogos Olímpicos a concentração de equipamentos em uma mesma área facilita a locomoção das pessoas, porém, após o término do megaevento seria interessante se os equipamentos estivessem distribuídos na cidade.

Figura 13: Área ao ar livre no Parque Olímpico, Barra da Tijuca.



Fonte: Autores (2017).

Figura 14: Arena do Futuro no Parque Olímpico, Barra da Tijuca.



Fonte: Autores (2017).

Além dos moradores entrevistados, quatro pessoas foram entrevistadas dentro do Parque Olímpico, moradores de Belford Roxo (localizado a 39 quilômetros do Parque Olímpico). Estes entrevistados estavam no Parque exclusivamente para um evento de Karatê que estava acontecendo no Velódromo no dia 17 de novembro de 2017. Para esse grupo de usuários, a natureza, a conservação do espaço, o ambiente agradável e a segurança foram considerados como aspectos positivos, enquanto que a distância percorrida para chegar de suas casas até o Parque Olímpico foi citada como aspecto negativo. Com relação à localização do Parque Olímpico, os entrevistados a consideraram adequada, porém uma pessoa afirmou que “[...] é difícil de vir para cá se não alugar um ônibus ou vir de carro. De onde eu venho tem que ir para outro lugar para pegar o BRT, fica contramão”. No tocante às melhorias no Parque Olímpico para a melhor utilização pela população, os usuários entrevistados que não moram nas imediações citaram melhorias no transporte, a liberação das quadras para o uso pela população e a divulgação de eventos esportivos gratuitos.

Em síntese, as entrevistas realizadas com os trabalhadores do Parque Olímpico indicam que o uso dos equipamentos é satisfatório em razão da sua utilização para treinamentos e campeonatos profissionais. Em contraposição, as entrevistas realizadas com os moradores das imediações dos equipamentos olímpicos apontam que o uso tanto da área aberta quanto dos equipamentos não é satisfatório, tendo em vista que somente 14 pessoas, dentre a amostra de 41 entrevistados, utilizam o espaço aberto do Parque Olímpico e apenas um morador utilizou um equipamento olímpico após os jogos. Esse baixo índice de frequentadores está relacionado, principalmente, ao local não ser aberto durante a semana para a população, à falta de divulgação de eventos gratuitos, à falta de atividades esportivas e de entretenimento, e à insegurança. As entrevistas com os usuários do Parque Olímpico que não moram em suas imediações revelam a dificuldade desse

público frequentar o local, tendo em vista que estas pessoas estavam utilizando o Parque Olímpico pela primeira vez em razão de um evento de Karatê. Devido à distância de suas casas até a Barra da Tijuca e pela falta de transporte público para chegar ao local, o uso dos equipamentos e de seu entorno para fins de entretenimento não é frequente.

CONCLUSÃO

Com relação à Área Olímpica de Deodoro, os moradores da comunidade do entorno e os trabalhadores do Parque Radical entendem que a sua localização é adequada por possibilitar a existência de uma área de lazer em uma região da cidade em que há carência de entretenimento. Contudo, a piscina apresenta muitos problemas quanto ao uso. Além de abrir apenas um dia da semana, problemas como a falta de controle, de higiene, de segurança e de atividades recreativas fazem com os moradores não a utilizem. Assim, melhorias destes problemas pela própria administração do Parque Radical podem contribuir para o maior uso pela população.

Com relação à Arena Deodoro, as entrevistas realizadas com os moradores das comunidades próximas e com os usuários do equipamento olímpico que não moram nas imediações sugerem que a Arena possui problemas quanto ao uso e à localização. Conforme os resultados obtidos, as pessoas que moram nas imediações não usufruem do equipamento, principalmente, pela falta de divulgação. Assim, a localização do equipamento pode ser questionada por conta do seu uso estar relacionado ao público que vem de outras áreas da cidade e não às pessoas que moram nas proximidades. Porém, essa falta de uso pode estar ligada não só à falta de divulgação dos eventos esporádicos que ocorrem, mas à falta de diferentes eventos esportivos e de entretenimento que atendam, principalmente, jovens e crianças. Logo, o uso do local poderia ser mais intenso se diferentes eventos esportivos e de entretenimento acontecessem com frequência e se houvesse divulgação dos mesmos nas comunidades próximas.

A partir das entrevistas realizadas com os moradores do entorno do Centro Nacional de Hipismo, verifica-se que os militares da Vila Militar, onde encontra-se esse e os demais equipamentos do complexo esportivo de Deodoro, são os principais usuários do Centro, o que torna lógica a sua implantação na atual área da cidade. Porém, conforme os 11 moradores entrevistados, apenas um frequenta o Centro de Hipismo para assistir treinos e campeonatos, o que evidencia a falta de divulgação de eventos no local abertos ao público. Assim, embora o equipamento possa estar sendo utilizado com frequência, o público predominante tende a não ser de moradores do entorno, não havendo a existência de atividades recreativas para crianças, atividades estas que poderiam aproximar a comunidade do esporte e possibilitar maior uso do local.

No que se refere à Piscina do Pentatlo Moderno, em Deodoro, os resultados indicam que o equipamento é utilizado apenas por treinadores, atletas e sócios, o que impossibilita que moradores das comunidades próximas usufruam do local. Além disso, os usuários entrevistados que estavam utilizando a piscina não moram nas imediações, indicando que esse equipamento poderia estar localizado em outra área da cidade.

Com relação à Área Olímpica da Barra da Tijuca, os resultados provenientes da entrevista realizada com um trabalhador no Campo de Golfe indicam que o equipamento está em uma localização adequada e com uso efetivo, embora não tenha sido possível entrevistar e saber as opiniões dos moradores do entorno e dos usuários do equipamento que não moram nas imediações. No tocante aos equipamentos dispostos no Parque Olímpico da Barra da Tijuca, os trabalhadores mencionam o uso constante do local, tanto com treinos de profissionais no interior dos equipamentos olímpicos quanto na área externa para atividades diversas pelos moradores locais. Porém, os moradores locais entrevistados indicam que o Parque Olímpico não tem um uso satisfatório em função, principalmente, de não ser aberto durante a semana para a população, da falta de

divulgação de eventos gratuitos, da falta de atividades esportivas e de entretenimento, e devido à insegurança.

A partir desse estudo, conclui-se que a maioria dos equipamentos construídos para as Olimpíadas de 2016 no Rio De Janeiro tende a ter problemas quanto à sua localização e/ou ao uso pelos moradores locais no período pós-Olimpíadas. Tais problemas evidenciam a desconsideração por parte do Comitê Olímpico Brasileiro dos efeitos das localizações dos diversos equipamentos, assim como de outros aspectos, para os usos destes equipamentos após a realização dos jogos, incluindo os usos por parte das populações locais mais carentes. Por outro lado, a valorização imobiliária de uma área, que tende a concentrar o retorno econômico (GERAINT, 1996), parece estar associada à localização do Parque Olímpico da Barra da Tijuca, cujo bairro é caracterizado pelo constante crescimento imobiliário, por uma população com rendimento nominal médio domiciliar de R\$ 12.113,00 e pelo maior número de domicílios (16.062) no Estado do Rio de Janeiro no levantamento realizado pelo IBGE (2010) denominado ‘Quantidade de Domicílios com mais de 10 salários mínimos’. Esta população tende a necessitar bem menos do uso de equipamentos olímpicos no período pós-jogos do que as populações mais carentes. Em contraposição à Barra da Tijuca, embora o Complexo Esportivo de Deodoro esteja inserido em uma área próxima a comunidades carentes, o uso do espaço é muito controlado por pertencer à Vila Militar, o que gera questionamentos acerca da escolha da região para localizar os equipamentos olímpicos.

Conforme os estudos de Liao e Pitts (2006), a disposição dos equipamentos em *clusters*, sendo um deles o Parque Olímpico, seria uma grande vantagem por conta da facilidade dos deslocamentos dos vários grupos de usuários durante os jogos. Todavia, quando o uso desses equipamentos não corresponde às necessidades dos moradores do entorno no período pós-jogos, não existem benefícios neste período em localizar a maioria dos equipamentos dentro da mesma área. Ainda, localizar os equipamentos dentro de um Parque Olímpico pode alterar o equilíbrio urbano, ou acentuar desequilíbrios, e a capacidade de determinados grupos de usuários em acessar tais espaços (p.ex., PREUSS, 2008)(PREUSS, 2008). Dentro dessa lógica, distribuir os equipamentos na cidade-sede tenderia a manter o equilíbrio urbano ou a reduzir desequilíbrios entre requalificação urbana, desenvolvimento imobiliário e desenvolvimento econômico (VARGAS; CASTILHO, 2015), possibilitando a consideração da cidade como um todo e não apenas como algumas áreas a serem valorizadas (MASCARENHAS, 2008). Assim, tendo em vista que a construção de instalações olímpicas pode contribuir para a qualidade dos espaços urbanos (GERAINT, 1996), existe a necessidade de mais estudos que investiguem as relações entre as localizações dos diversos equipamentos olímpicos e os seus usos no período pós-jogos, principalmente, por parte das populações mais carentes.

REFERÊNCIAS

- ANISTIA INTERNACIONAL (2016). *Um legado de violência - homicídios praticados pela polícia e repressão a protestos na Olimpíada Rio 2016*. Rio de Janeiro: Anistia Internacional Brasil.
- BORJA, Jordi; CASTELLS, Manuel (1997). *Local and Global Management of Cities in the Information Age*. Earthscan Publications, Londres.
- CARDOSO, Maurício (1996). *100 Anos de Olimpíadas - de Atenas a Atlanta*. São Paulo: Editora Página Aberta.
- CORNELISSEN, Scarlett (2009). A delicate balance: Major sport events and development. In: LEVERMORE, Roger; BEACOM, Aaron (Eds.), *Sport and international development*. England: Palgrave Macmillan, p. 76-97.
- FERNANDES, Sávio (2006). *Os Jogos Olímpicos como Instrumento de Planejamento*

- Urbano*. Dissertação para obtenção do título de Mestre em Projecto e Planeamento do Ambiente Urbano pela Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Porto.
- GAFFNEY, Christopher (2015). Segurança Pública e os Megaeventos no Brasil. In: JUNIOR, Orlando Alves dos Santos; GAFFNEY, Christopher; RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz (Eds.). *Brasil: os impactos da Copa do Mundo 2014 e das Olimpíadas 2016*. Rio de Janeiro: e-papers e Observatório das Metrôpoles, p. 165–184.
- GARCIA, Alessandro et al. (2016). Análise do Perfil dos Praticantes de Mountain Bike (MTB) da Cidade de Trindade (GO). *Revista Vita et Sanitas da Faculdade União Goyazes, Trindade*, p. 22–37.
- GEHL, Jan (2014). *Cidade para as pessoas*. São Paulo: Perspectiva.
- GERAINT, John (1996). The Impact of the Olympic Games on the Urban Policy of the City. In: *The Legacy of the Olympic Games: 1984-2000*. Lausanne: IOC, p. 69–73.
- GETTY IMAGES (2017). *Getty Images*. Disponível em: <<https://www.gettyimages.com.br/>>. Acesso em: nov. 2017.
- GOOGLE (2017). *Google Maps*. Disponível em: <<http://www.google.com.br/maps>>. Acesso em: nov. 2017.
- IBGE (2010). *Censo 2010*. IBGE. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 27 out. 2018.
- INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE (2017). *Carta Olímpica - Vigente a partir del 15 de septiembre de 2017*. Lausana: IOC.
- INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE (2005). *Sport - Technical Manual on Sport*. Lausanne: IOC.
- INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE (2018). *Sports*. IOC. Disponível em: <<https://www.olympic.org/sports>>. Acesso em: 13 set. 2018.
- LIAO, Hanwen; PITTS, Adrian (2006). A brief historical review of olympic urbanization. In MAJUMDAR, Boria; COLLINS, Sandra (Eds.). *Olympism: The global vision, from Nationalism to internationalism*. London: Routledge, p. 1232-1252.
- MASCARENHAS, Gilmar (2008). Barcelona – 1992: Um Modelo em Questão. In: *Legado de megaeventos esportivos*. Brasília: Ministério do Esporte. p. 189–194.
- MELO, Erick S. O.; GAFFNEY, Christopher (2010). Mega-eventos esportivos: reestruturação urbana para quem? *Revista Proposta*. Rio de Janeiro: FASE, p. 42-57.
- MINISTÉRIO DO ESPORTE (2008). *Rio 2007 - Parapan Rio 2007*. Rio de Janeiro: Ministério do Esporte.
- OLYMPIC (2017). *Cycling Mountain Bike*. Disponível em: <<https://www.olympic.org/cycling-mountain-bike>>. Acesso em: nov. 2017.
- POUND, Richard (2016). On Security and Surveillance in the Olympics: A View from Inside the Tent. In: BAJC, Vida (Ed.). *Surveilling and Securing the Olympics*. Palgrave Macmillan: The Editor(s), p. 72–92.
- PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO (2014). Rio 2016: Jogos Olímpicos e legado. *Cadernos de Políticas Públicas*. Prefeitura do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro.
- PREUSS, Holger (2008). Aspectos Sociais dos Megaeventos Esportivos. In: RUBIO, Kátia. (Ed.). *Megaeventos esportivos, legado e responsabilidade social*. Casa do Psicólogo: São Paulo, p. 13–35.

- RAEDER, Sávio (2010a). *Jogos & cidades: Ordenamento territorial urbano em sedes de megaeventos esportivos*. Brasília: Ministério do Esporte.
- RAEDER, Sávio (2010b). Planejamento urbano em sedes de megaeventos esportivos. In: RAMOS, Rui António Rodrigues; SILVA, António Néilson Rodrigues da; SOUZA, Léa Cristina Lucas de; ROSA, Maria Manuela Pires; RODRIGUES, Daniel Souto. *Actas. Anais do 4º Congresso Luso-Brasileiro para o Planejamento Urbano, Regional, Integrado, Sustentável - PLURIS 2010* (Faro, Portugal).
- RECHIA, Simone; SILVA, Emília Amélia Pinto Costa da (2013). Espaços e equipamentos de lazer em época de megaeventos esportivos: entre o sonho mais duradouro e a realidade mais cruel. In: MARCELLINO, Nelson (Org.). *Legados de megaeventos esportivos*. Papirus: São Paulo, p. 197-220.
- REIS, Antônio Tarcísio; LAY, Maria Cristina (1995). As Técnicas de APO como Instrumento de Análise Ergonômica do Ambiente Construído. Gramado, ANTAC, 1995. *Curso ministrado durante o III Encontro Nacional e I Encontro Latino-Americano de Conforto no Ambiente Construído*, Gramado.
- RUBIO, Katia (2007). *Megaeventos esportivos: legado e responsabilidade social*. Casa do Psicólogo: São Paulo.
- SANTOS, Gustavo (2015). *Grandes eventos e a requalificação urbana: O caso de Lisboa e os Jogos Olímpicos*. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Engenharia Civil. Instituto Superior Técnico de Lisboa, Lisboa.
- SEIXAS, João (2010). Os Mega Eventos na Cidade: Imagética Social, Política Econômica e Governança Urbana. *Revista eletrônica de estudos urbanos e regionais*. Rio de Janeiro, Ano I, p.4-9.
- SPAAIJ, Ramón (2016). Terrorism and Security at the Olympics: Empirical Trends and Evolving Research Agendas. *International Journal of the History of Sport*, v. 33, n. 4, p. 451–468.
- UNION CYCLISTE INTERNATIONALE (2018). *Regulations*. Disponível em: <<http://www.uci.org/inside-uci/constitutions-regulations/regulations>>. Acesso em: 25 set. 2018.
- VARGAS, Heliana Comin; CASTILHO, Ana Luisa de Howard (2015). Intervenções em centros urbanos: objetivos, estratégias e resultados. In: VARGAS, Heliana Comin; CASTILHO, Ana Luisa de Howard (Eds.). *Intervenções em centros urbanos*. São Paulo: Manole. p. 1–60.